



ANÁLISE CRÍTICA DA PATOLOGIZAÇÃO DA INFÂNCIA E DO MÉTODO FONO-VÍSUO-ARTICULATÓRIO NA INTERNET

Palavras-chave: Neurolinguística, Patologização da infância, método fono-víscuo-articulatório.

Autoras:
CAMILY BRAGA MITESTAINER, FCM, IEL - Unicamp
Profa. Dra. MARIA IRMA HADLER COUDRY (Orientadora), IEL - Unicamp

INTRODUÇÃO:

Este Projeto focaliza a patologização de crianças normais, pois, na atualidade, é frequente a criação de regras sociais e normas de conduta que classificam sujeitos como normais ou patológicos, sem considerar traços fundamentais do indivíduo, ou seja, sua subjetividade (Ceccarelli, 2010).

Observa-se, hoje em dia, crianças saudáveis sendo diagnosticadas por profissionais de saúde com a anuência do sistema escolar tradicional vigente, o que evidencia uma carência de métodos compatíveis com a complexidade do mundo atual. Desse modo, crianças e adolescentes são patologizados quando perpassam por etapas da alfabetização, sem que as particularidades que os constituem - os contextos linguístico, social, político e psico-afetivo em que vivem - sejam consideradas. A patologização transforma os diferentes modos de se expressar ao(s) outro(s), em *anormalidades*, a partir de um uso inadequado da ciência da linguagem.

Essa corrente que patologiza é dominante nos dias de hoje e desinformada quanto ao processo de alfabetização do ponto de vista linguístico, atuando em excessos de diagnósticos (Coudry, 2006), uma vez que atribui patologias a crianças que vivenciam caminhos passageiros do processo de alfabetização, que coincidem com etapas em que a criança formula hipóteses de como se escreve permeadas por sua fala e a de outros com quem convive.

As patologias atuais da infância apresentam como grande veículo disseminador a internet que, sem quaisquer estudos científicos, disponibiliza conteúdos, avaliações, questionários e novas patologias recém-criadas para “habilitar” pessoas sem bagagem científica, sobretudo linguística, para diagnosticar crianças. Em vista disso, na internet, a busca por informações é de fácil e rápido acesso para alcançar conteúdos instantâneos e falaciosos, dirigidos e aplicados a qualquer pessoa (Coudry, 2020).

O método de alfabetização mais utilizado na aquisição da leitura/escrita hoje e adotado pelo Ministério da Educação (MEC) é o fono-víscuo-articulatório ou método das Boquinhos, o qual habilita crianças em fase de alfabetização. Observa-se, nele, alguns erros técnicos, do ponto de vista linguístico, que este Projeto pretende estudar e analisar criticamente, levando em conta que: (i) ele incentiva a patologização da infância, à medida que a criança normal, que usa suas hipóteses para escrever, tem sido penalizada com uma das patologias (Dislexia, Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade, Deficiência Intelectual, etc); (ii) a internet estimula a patologização, por meio de materiais que fazem mau uso dos estudos da linguagem, desconsiderando achados da ciência linguística.

O método das Boquinhos coloca a criança frente à repetição de um ato motor que destitui o sentido da escrita e impede quaisquer atividades reflexivas e, além disso, a criança acaba sendo exposta a uma articulação facial artificial e exagerada, que não é utilizada no cotidiano para produzir os fones de seu dialeto (e de nenhuma outra variedade), desconsiderando as variações linguísticas que não seja a normativa/padrão.

Por extensão, o método fono-vísuo-articulatório é extremamente disseminado pelos meios de comunicação, através de redes sociais como o Youtube, que expõem os pais, responsáveis e educadores a uma série de materiais que compartilham este método como sendo o mais eficaz para alfabetizar.

Fischer (2002) relata que mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem e na sua forma de tratar aquilo que pode ser encontrado (Marcelo, 2004). Por isso, a internet é uma ameaça e apresenta o poder de manipular o senso comum, através de conteúdos isentos de abordagens científica e linguística necessárias, a fim de incentivar a patologização da normalidade e a utilização do método fono-vísuo-articulatório como o mais adequado para alfabetizar.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa descritiva e quantitativa do tipo documental, pois pretende descrever/analisar a qualidade dos conteúdos encontrados na internet de uma forma crítica, e tecnicamente informada, com o propósito de evidenciar como a ciência é apresentada de maneira inadequada nas mídias, desconsiderando conhecimentos linguísticos e neurolinguísticos.

Para a pesquisa, será empregado o estudo online em cenários como o Youtube e o Google, para buscar sites e vídeos que incentivam a patologização da infância e os que utilizam o método fono-vísuo-articulatório como o mecanismo ideal para alfabetizar. Os dados sobre a patologização e sobre o método fono-vísuo-articulatório serão coletados, analisados e interpretados, através da busca na internet com as palavras-chave: “método fono-vísuo-articulatório”, “método das boquinhãs”, “dislexia”, “TDAH”, “alfabetização” e “patologias do aprendizado”.

Portanto, a pesquisa será fundamentada na pré-análise para escolha e organização do material, na interpretação de seu conteúdo e, por fim, no tratamento dos resultados para testar a hipótese de que o método fono-vísuo-articulatório, utilizado no processo de alfabetização contido em diferentes materiais disponíveis na internet, resulta de forma equivocada na patologização da infância. Por isso, a análise dos materiais será fundamentada em evidenciar seus equívocos e exemplificar como essas desinformações podem gerar o excesso de patologias na infância.

Neste trabalho, a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) não se aplica, pois não envolve pesquisa com seres humanos ou animais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

As críticas produzidas e fundamentadas na Neurolinguística Discursiva evidenciam que a internet não disponibiliza os aprofundamentos científico e linguístico necessários para avaliar as dificuldades de aprendizagem da criança. Desse modo, infere-se que os conteúdos publicados na internet carecem de uma argumentação linguisticamente fundamentada e provêm de impressões do senso comum sobre o que é certo e errado, desconsiderando que a criança já é um falante de sua língua materna e que lança mão disso no início do processo de alfabetização.

As ocorrências normais no aprendizado do sistema alfabético, como omissão/inserção/substituição de letras, segmentação de palavras para mais ou para menos, escrita de consoantes sonoras como surdas e vice-versa e marcas da fala na escrita são tratados como patológicos em todos os sites analisados, sendo classificados equivocadamente como sintomas de patologias neurológicas.

O exemplo a seguir, foi retirado do site *3 transtornos de aprendizagem que podem atrapalhar os estudos das crianças* (disponível em <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/3-transtornos-de-aprendizagem-que-podem-atrapalhar-os-estudos-das-criancas/>):

Principais sinais da dislexia: atraso na alfabetização, troca de letras, dificuldade para finalizar palavras compridas tanto na leitura quanto na escrita, leitura lenta e demora para copiar da lousa.

Porém, cada criança tem um tempo no processo de alfabetização e isso não deve ser tomado como patológico. Seus dados singulares de escrita fornecem para o profissional de saúde ou educador as etapas de alfabetização em que a criança apresenta dificuldades, que devem contar com a intervenção do professor para serem ultrapassadas. Os “erros” de leitura e escrita dos aprendizes são

XXXI Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP – 2023

sinais de que o processo de alfabetização e aquisição da escrita estão em andamento, por meio do uso e manuseio próprios da criança em relação à linguagem (Abaurre et al, 1995). Por extensão, no mesmo site há a caracterização dos sinais relacionados ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH):

A criança raramente termina uma tarefa e não gosta de fazer grande esforço mental. Quando sentada na carteira, mexe as mãos e balança os pés. Tem dificuldade de focar a atenção em um único assunto e, muitas vezes, fica “desligada” da aula. O estudante também é desorganizado e tem tendência a perder livros, cadernos e outros materiais.

Esta avaliação é superficial e descreve o desinteresse da criança pelo que está sendo realizado na escola, apontando características que a maioria dos indivíduos apresenta frente a uma situação desestimulante de ensino.

Aprender a ler e a escrever significa *cometer erros* iniciais advindos das hipóteses e reflexões que o aprendiz faz acerca da linguagem, sobretudo com base em sua fala, o que atualmente é interpretado como “sintomas” e não como indícios próprios e naturais do processo de alfabetização (Coudry, 1987; 2006; Massi, 2011). Porém, as crianças não são iguais e podem diferir no ritmo do seu aprendizado; isso nada tem de patológico, pois cada uma perpassa por um processo diferente da outra, cada uma apresenta limitações e potencialidades na leitura e na escrita de acordo com o seu contexto sociohistórico. Por isso, não se pode atribuir-lhe patologias pela sua singularidade e ritmo no processo de alfabetização (Abaurre et. al, 1995).

Segundo Abaurre (1987):

Muitas vezes as crianças (...) recebem o diagnóstico de disléxicas por apresentarem uma escrita onde aparecem claramente hipóteses elaboradas a partir da pronúncia. A importância do conhecimento lingüístico, no caso, é evidente. Ela permite rever a avaliação a que normalmente são submetidas essas crianças, levando a interpretar como previsível e normal um comportamento tido geralmente como patológico.

É através desse diagnóstico irresponsável que as crianças acabam aceitando o rótulo/doença que lhes é dado, o que marca sua vida e a de seus familiares e acaba por dificultar ainda mais o processo de aprendizagem (Antonio, 2010) e torná-lo árduo, desinteressante e complexo para o aprendiz.

Partindo da análise dos conteúdos disponibilizados na internet sobre o método fono-vísuo-articulatório, à luz da Neurolinguística Discursiva, foi possível observar que é um método de alfabetização que reduz a aprendizagem e a fala a um ato mecânico padronizado para todos os aprendizes, visto que utiliza uma articulação facial estática, artificial e excludente de outros dialetos que não seja o normativo, desconsidera variações linguísticas, a fala cotidiana (rápida e pouco articulada) e o fato de que os mesmos sons podem representar fonemas/letras diferentes ou sons diferentes que podem representar as mesmas letras, uma vez que a relação fonema - grafema não é unívoca.

O método das boquinhinhas gera maiores dificuldades na criança em processo de alfabetização, pois ela precisa lidar com a busca de letras diferentes que representam os mesmos sons, com o nome da letra que pode substituir sílabas inteiras e com a identificação da diferença de sonoridade entre os fones. Esta última, é ensinada de forma inadequada no método em questão, uma vez que ele não marca apropriadamente a sonoridade de consoantes surdas e sonoras por meio de atividades reflexivas e, sim, pelos atos mecânicos de memorização das imagens estáticas “boquinhinhas”, o que é um meio falho de alfabetização, já que não pontua essas diferenças através da ação das pregas vocais; ao invés disso, coloca-se a mão no queixo para classificar as sonoras e não se entende por quê. Além disso, privilegia a automatização de atos mecânicos da escrita, o que gera muitas dúvidas na criança ao representar a palavra graficamente (Coudry e Bordin, 2019).

Segundo Aquino (2018), o método das boquinhinhas desconsidera o fato de que os pares consonantais têm o mesmo modo e o mesmo ponto de articulação sendo a única diferença entre eles a sonoridade, percebida pelo tato, porém, as imagens estáticas por si só não são capazes de diferenciar

as consoantes surdas das sonoras, provocando confusão e dificuldades no momento da escrita. Nesse viés, com as imagens das boquinhas, o aprendiz *sempre vê os mesmos gestos articulatórios*, tornando-se *impossível diferenciar os pares de consoante surda/consoante sonora, por meio da observação visual dos gestos fonatórios* (Aquino, 2018).

Sendo assim, é um método de alfabetização que dita a norma e não permite a manifestação das variações linguísticas e, isso ocorre pois, segundo Faraco (2016), a cultura do erro, consolidada nas escolas, molda o olhar das pessoas sobre a linguagem e discrimina as variações linguísticas, sendo assim, o normativismo condena como erro todas as formas de escrita e de fala que fogem da gramática tradicional.

A alfabetização é um processo gradual e lento que deve ser valorizado e ter suas dificuldades cuidadas. Contudo, os apoiadores do método das boquinhas afirmam que se trata de um modo de alfabetização rápido, ressaltando a importância de um treino motor intenso para a criança memorizar a letra (Assis e Rossi, 2018), colocando a criança frente à repetição de um ato motor que destitui o sentido da escrita e impede quaisquer atividades reflexivas, próprias do aprendizado (Coudry, 2006).

CONCLUSÕES:

Todos os sites e vídeos selecionados patologizam o “ser criança”, pois *condenam* atitudes naturais presentes durante o aprendizado do sistema alfabético, ou seja, da entrada da criança na escrita. Logo, a *patologização da normalidade* é incentivada na internet, pois classifica as crianças como patológicas, transforma suas singularidades em anomalias e atos comuns do desenvolvimento humano em desvios, desvalorizando, desse modo, a relação singular que cada sujeito constrói com a linguagem em toda a sua complexidade.

Nesse sentido, o diagnóstico precoce e patologizante, baseado no saber clínico tradicional (Ceccarelli, 2010), que descarta achados científicos da linguagem no processo de alfabetização (Coudry, 2020), representa um perigo iminente para diagnosticar equivocadamente crianças que estão vivenciando etapas normais da alfabetização, já que a desinformação é disseminada como uma ciência comprovada. Desse modo, cria-se um senso comum determinando o presente e profetizando futuro (Coudry, 2006; Watzlawick, 1994).

Em relação ao método fono-vísuo-articulatório, sua inadequação principal é o apagamento da variação linguística individual e sua substituição por um padrão de fala fictício que não se encontra em nenhum falante, pois a criança leva para a escola a experiência que já tem com a oralidade e, a partir disso, compreende que já possui pistas de como começar a aprender a ler e a escrever, utilizando desse modo, a sua fala como mediadora de um outro processo linguístico em construção (Coudry, 1987).

Ademais, o reconhecimento das “boquinhas” induz ao erro e, não por acaso, é gatilho para diagnósticos equivocados e patologizantes, visto que se baseiam na repetição e na memorização, subestimam os conhecimentos linguísticos que as crianças já adquiriram e suspendem o sentido da palavra ou do texto por meio de técnicas de alfabetização baseadas na leitura labial artificial, que deslocam a atenção e poderiam ser substituídas por leituras significativas, criativas, interessantes e motivadoras.

Portanto, o sistema escolar não está conseguindo alfabetizar de maneira adequada a maioria das crianças deste tempo, pois não relaciona suas vivências com atividades escolares e métodos de alfabetização reflexivos e contextualizados, os quais o aprendizado demanda. Isso nos leva a conclusão de que falta a criação de uma pedagogia que responda às demandas educacionais de crianças que têm dificuldades de aprendizagem, pois a escola está preocupada com o saber gramatical e normativo e está cada vez mais distante de considerar o *funcionamento social da linguagem*, visto que o sistema educacional tradicional tende a reduzir a linguagem a um conjunto de regras gramaticais (Faraco, 2016), condenando o erro na fala e na escrita e o aluno que manifesta as suas singularidades no momento de aprender. Enquanto o sistema educacional não propuser atividades de linguagem com sentido para a vida dos alunos, ele continuará fracassando nos processos de aprendizagem e alfabetização.

BIBLIOGRAFIA:

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?** Estudos Linguísticos, XIV, pp. 129-135. São Paulo: GEL. 1987
- ABAURRE, Maria Bernadete Marques *et al.* **A relevância teórica dos dados singulares.** In: EM BUSCA DE PISTAS. Estudos Linguísticos. Anais de Seminários do GELXXIV, São Paulo, SP,: [s. n.], 1995.
- ANTONIO, Giovana Dragone Rosseto. **DISLEXIA: O EXCESSO DE DIAGNÓSTICOS E O REFLEXO NA VIDA DAS CRIANÇAS.** ANAIS DO SETA, Instituto de Estudos de Linguagem - IEL/UNICAMP., 2010.
- AQUINO, Patrícia Aparecida de. **Onde está o déficit? – polêmica em torno da dislexia.** Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 60, n. 2, p. 538–544, 2018. DOI: 10.20396/cel.v60i2.8648687. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648687>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- ASSIS, Mara Gitti; ROSSI, Taiana Vanessa. **Método das boquinhas: Uma metodologia multissensorial aliada a neuropsicopedagogia, habilitando e reabilitando o indivíduo no processo da aquisição da alfabetização,** 2018.
- CECCARELLI, Paulo. **Patologização da normalidade.** Estudos de Psicanálise, 2010.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. **Dislexia: um bem necessário.** Grupo de Estudos Linguísticos, 1987. Acesso em 9 jun. 2023.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. **Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá?** Trabalho apresentado no Simpósio Revisitando aspectos da aquisição da escrita: considerações linguísticas, no 7º Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem, Porto Alegre, 2006.
- COUDRY, Maria Irma Hadler; BORDIN, Sonia Sellin. **Ambientes discursivos na afasia e na infância. Estudos da língua(gem),** p. 9-22, mar. 2010.
- COUDRY, **Controvérsias na patologização e contradiscursos na afasia e na infância.** Simpósio “Controvérsias e Contradiscursos: A linguagem na patologia e na educação”. In GEL 2019. Revista Estudos Linguísticos, v. 49, n.1, p. 379-396, 2020.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem, escrita e alfabetização.** 10 Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação.** In: Revista Brasileira de Educação, n.o 20. Campinas: Editores Associados/ANPEd, 2002, p. 83-94.
- MARCELO, Fabiana de Amorim. **O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos.** Educação e Realidade, jun. 2004.
- MASSI, Giselle *et al.* **A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades.** Paidéia, [s. l.], Vol. 21, p. 403-411, set-dez. 2011. Disponível em: www.scielo.br/paideia. Acesso em: 17 jan. 2023.
- WATZLAWICK, Paul. **Profecias que se autocumprem.** In: A realidade inventada: como sabemos o que cremos saber? Campinas: Editorial Psy II, 1994. p. 95-116.